

# **As Histórias Eclesiásticas na pesquisa histórica: origem, características e desafios**

**Ecclesiastical Histories in historical research: origin, characteristics and challenges**

Amanda de Carvalho Santos Lima<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente artigo pretende investigar o surgimento das Histórias Eclesiásticas no início do século IV, considerando o contexto histórico do período e a necessidade de construção de uma identidade cristã que motivou o desenvolvimento do gênero. Com destaque para Eusébio de Cesareia como o pioneiro dessa tradição literária, a análise explora como as Histórias Eclesiásticas se diferenciam do gênero historiográfico clássico, ressaltando suas características próprias. Em seguida, pretendemos abordar especificamente as Histórias Eclesiásticas do século V, escritas por Sócrates Escolástico, Sozomeno de Betélia e Teodoreto de Cirro, examinando algumas de suas particularidades. Por fim, propomos a reflexão sobre o uso de tal documentação na pesquisa histórica, destacando os desafios e dificuldades

## **Abstract**

This article aims to investigate the emergence of Ecclesiastical Histories in the early fourth century, taking into account the historical context of the period and the need to construct a Christian identity that spurred the development of this literary genre. With particular emphasis on Eusebius of Caesarea as the pioneer of this tradition, the analysis explores how Ecclesiastical Histories diverge from the classical historiographical genre, highlighting their unique characteristics. Subsequently, the focus shifts to the fifth-century Ecclesiastical Histories written by Socrates Scholasticus, Sozomen of Bethelia, and Theodoret of Cyrrhus, examining some of their distinctive features. Finally, the article reflects on the use of such documentation in historical research, emphasizing the challenges and difficulties inherent in analyzing this type of source.

---

<sup>1</sup> amandadeclima290699@gmail.com. Data de submissão: 28 dez. 2024.

inerentes ao processo de análise desse tipo de fonte.

**Keywords:** Late Antiquity; Ecclesiastical Histories; Christianity; Eusebius of Caesarea;

**Palavras-chave:** Antiguidade Tardia; Church History. Histórias Eclesiásticas; Cristianismo; Eusébio de Cesareia; História da Igreja.

## Introdução

Segundo o orador romano Cícero (c. 106-43 a.C.) no século I, em sua obra *Das Leis* (I, 1), Heródoto (c. 480-420 a.C.) é o “pai da História” (Silva, 2015, p. 39). De fato, a palavra *História* foi uma invenção de Heródoto, uma derivação do termo ἵστωρ (*hístōr*) que significa “aquele que sabe” e do verbo ἱστορέω (*hístōrēō*) que expressa “investigar”. Por essas denominações, Heródoto criou a palavra ἱστορίαι (*historíai*), título de sua obra, que significa “investigações” (Silva, 2015, p. 39). Assim, Heródoto foi o primeiro a conceber um método histórico capaz de registrar e explicar a história do seu tempo, distanciando-se das regras da epopeia e iniciando um novo gênero literário: a historiografia. Heródoto, no entanto, ainda foi influenciado pela poesia épica e pela filosofia e tais formas de escrita permeiam sua obra, tanto para explicar os acontecimentos narrados (Schögl, 2000, p. 38) quanto para refletir sobre as causas e efeitos das ações humanas (Silva, 2015, p. 40).

Já Tucídides (c. 455-404 a.C.) buscou registrar o passado conferindo maior ênfase ao registro dos fatos do que à investigação, como seu predecessor Heródoto. Como salienta Hartog (1980, p. 284, 285, 294-296), enquanto Heródoto apresenta/expõe (*apodexis*) o resultado de suas investigações, Tucídides escreve (*sunégrapse*) a guerra entre peloponésios e atenienses. O termo empregado por Heródoto pertence ao mundo da oralidade, o termo utilizado por Tucídides o coloca no mundo da escritura. Ademais, Tucídides introduz na operação historiográfica a autópsia, isto é, a ideia de que é preciso ver para registrar os acontecimentos (Hartog, 200, p. 273). De fato, os antigos se preocupavam com a escrita e o registro do seu passado, o já citado

orador romano Cícero também escreveu e refletiu sobre a História como gênero literário em sua obra *Do Orador*.

No livro II da obra, Cícero traçou, pela boca do orador Antônio, os princípios da História em Roma, alçando o caráter retórico da História ao primeiro plano e atribuindo um caráter moralizante à história romana (Charbel, 2008, p. 556, 557), assim, as histórias e biografias romanas tinham como principal função disseminar valores específicos e servir de modelo moral para as pessoas, como destaca Sabina Loriga (2011, p. 17). Com isso, surgiu o famoso modelo *historia magistra vitae*, na qual a História como “testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado” (Hartog, 1980, p. 181), supõe a intervenção do orador, que deve emprestar sua voz à História para que ela possa cumprir tais postulados.

Como já dito, os antigos se preocupavam com a escrita de seu passado, portanto, tendo compreendido como se dava a escrita da História dos gregos e romanos na Antiguidade, buscamos também compreender a escrita da História dos povos cristãos no Império Romano. De fato, por volta do século III, as comunidades cristãs do Mediterrâneo já se entendiam como parte de um processo histórico cujo auge seria a encarnação de Cristo (Della Torre, 2011b, p. 601). Desse modo, o registro e disseminação dos relatos históricos era importante para tais comunidades. De fato, o reconhecimento de uma memória coletiva comum entre os fiéis era necessário até mesmo para a manutenção da coesão de tais comunidades. Por muito tempo, o modelo por excelência das narrativas cristãs sobre a história do cristianismo foram os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos até meados do século II, quando Orígenes propôs ser possível interpretar tais textos metaforicamente para além de uma interpretação apenas factual (Barnes, 1996, p. 90-91).

No entanto, tais textos eram narrativas muito vagas e, ainda, organizados de modo a defender princípios teológicos importantes para as comunidades onde foram produzidas, deixavam a historicidade do material em segundo plano (Della Torre, 2011b, p. 602). Robson Murilo Grando Della Torre defende que até meados do século II, este tipo de narrativa histórica era suficiente para atender aos propósitos das comunidades cristãs, porém, com a inserção do cristianismo nos debates filosófico-religiosos do período dos imperadores Antoninos, os cristãos sentiram-se confrontados diante das características fundamentais de sua religião, dentre os quais destacava-se a sua novidade temporal, principalmente em relação às religiões tradicionais do Império Romano e do judaísmo (Della Torre, 2011b, p. 602). Assim, por volta do século III,

surgem inúmeros relatos a fim de mostrar justamente a ancestralidade do culto cristão, conferindo-lhe credibilidade e respeitabilidade.

Destaca-se, nesse contexto, a obra do bispo Eusébio de Cesareia (c. 260-339), nascido entre os anos 260 e 265 (Della Torre, 2011a, p. 76) e que, apesar de ser chamado “de Cesareia”, nasceu na região da Palestina. Passou a juventude na Cesareia marítima<sup>2</sup>, onde recebeu uma vasta formação cultural por meio da biblioteca da cidade (Caprino, 2011, p. 216). Apesar das poucas informações disponíveis acerca de suas origens e de sua família, sabemos que foi em Cesareia que Eusébio recebeu os ensinamentos cristãos, foi catequizado, ordenado sacerdote e, posteriormente, bispo (Medeiros, 2012, p. 43). Ademais, nutriu grande amizade e admiração por Pânfilo (? - 309), seu mestre e um dos mártires cristãos da Palestina, se autodenominando, também, como Eusébio Panfílio (Medeiros, 2012, p. 43).

Durante o século III, a cidade de Cesareia tornou-se um centro de referência para o cristianismo, isto porque o teólogo Orígenes fundou uma importante escola de estudos cristãos e uma biblioteca no local (Frazão, 2008, p. 6). Apesar da maioria pagã, havia uma importante comunidade judaica e uma menor de cristãos e, nesse sentido, Edalaura Medeiros (2012, p. 44, 45) defende que o convívio intenso entre cristãos, judeus e pagãos eruditos em uma cidade cosmopolita como Cesareia estimulou a delimitação de identidades e construção de uma teoria cristã. Portanto, Eusébio viveu sua juventude e teve sua formação nesse contexto de amplas mudanças políticas e debates religiosos

O então presbítero de Cesareia inaugurou, então, uma nova forma de contar a história da Igreja, priorizando uma análise crítica das fontes, até mesmo dos relatos bíblicos, e um amplo uso de material histórico para compor seu relato. Afastando-se da historiografia clássica, o autor deu início a uma historiografia cristã na qual se propõe não apenas a narrar a história da Igreja, mas a desenvolver uma metodologia de escrita da história, isto é, o uso de uma ampla base

---

<sup>2</sup> A Cesareia Palestina também é chamada de Cesareia Marítima, uma cidade construída por Herodes, o Grande, em torno de 25-13 a.C., situada na costa mediterrânea entre as cidades de Telavive e Haifa. (BRANDÃO, Silvia Sgroi. Perseguições e martírios na História Eclesiástica: Análise dos escritos de Eusébio de Cesareia. *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p. 279, 2013.)

documental a fim de reconstituir o passado da forma mais fiel possível, afirmando, contudo, a superioridade do cristianismo frente às narrativas pagãs<sup>3</sup>.

### **A História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia e a construção de uma identidade cristã**

A bacia do Mediterrâneo, na Antiguidade Tardia, foi cenário de profundas transformações que, embora com ritmos e intensidades variados, marcaram uma reconfiguração nas estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais no Império Romano. Destaca-se, nesse contexto, a ascensão do cristianismo que, após a conversão de Constantino, no século IV, provocou mudanças avassaladoras no Império, que passou a adotar uma política de tolerância para todas as religiões (Raimundo, 2013, p. 56-60). No entanto, a partir do século IV, torna-se evidente que, mais do que se manter neutro, a política imperial passou a beneficiar a Igreja Cristã.

Segundo Danilo Mondoni (2001, p. 50), Constantino se atentou para os possíveis benefícios que o Estado<sup>4</sup> obteria da sua aliança com o cristianismo e, preocupado também com a unidade imperial romana e com a estabilidade do Império, promoveu uma série de concílios a fim de intervir em questões doutrinárias<sup>5</sup>. Assim, o poder imperial, a partir de Constantino, passou a intervir cada vez mais nas questões doutrinárias e dogmáticas da Igreja, o que marcou o cenário político-cultural do século IV como um contexto de enorme simbiose entre os âmbitos religioso e político (Papa, 2009, p. 31). Nesse cenário, o bispo Eusébio de Cesareia foi uma das principais figuras responsáveis por associar o imperador à religião cristã (Caprino, 2019, p. 81),

---

<sup>3</sup>A definição do termo “pagão” possui uma conjuntura específica, como pontua Jérôme Baschet: “Por volta de 500, o cristianismo é ainda essencialmente uma religião das cidades [...] No entanto, como sublinha a História contra os pagãos de Orósio, ‘pagão’ (paganus) é também o homem do pagus, o camponês. Assim, o politeísmo antigo é considerado uma crença de homens rurais atrasados. Ele não somente é uma ilusão ‘fora de moda’, como já o havia dito Constantino, mas, além disso, é um resquício rural, objeto de desprezo dos cidadãos” (Baschet, 2006, p. 67). Henry R. Loyn (1997, p. 285) ressalta que a palavra era geralmente aplicada às religiões politeístas, porém é importante destacar que o termo é considerado pejorativo, porém como mobilizamos documentação cristã, faremos uso em momentos específicos.

<sup>4</sup> O historiador Norberto Guarinello, na introdução do livro *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*, pontua que é necessário termos cuidado com certas comparações, de modo a evitarmos anacronismos. Nesse sentido, declara que “o Império Romano não pode ser entendido nos mesmos termos que os Estados nacionais, que se formaram no século XIX, sobretudo no que diz respeito à relação entre estado e sociedade” (Guarinello, 2006, p. 14). O Império Romano, apesar de apresentar algumas semelhanças, nunca chegou a se constituir como um Estado nacional, como compreendemos hoje. Porém, ainda segundo o autor, era uma estrutura política complexa, marcada pela heterogeneidade. Por conta disso, consideramos o Estado Romano como o Imperador, bem como o aparato administrativo, responsável pelo governo e administração do território romano (Guarinello, 2006, p. 13).

<sup>5</sup> Constantino promoveu o concílio dos Bispos do Ocidente em Arles (314) para intervir na questão donatista e o Concílio de Niceia (325) cuja temática principal foi a controvérsia ariana.

ligando os eventos políticos da época à história da igreja. Segundo Andréia Caprino (2019, p. 82), “Eusébio apresenta Constantino como um ótimo comandante, de comportamento cristão, tal como seu pai, Constâncio Cloro, e que abriu o caminho para um ‘Império’ pautado no cristianismo.”

Assim, segundo Eustaquio Sánchez Salor (2006, p.38-39), as Histórias Eclesiásticas são um subgênero historiográfico cristão em que são contadas as histórias das principais sedes episcopais cristãs desde seu início até o momento da escrita da obra, dando ênfase à sucessão de bispos dessas sedes. Dividida em dez livros e mantendo uma organização literária semelhante à dos historiadores clássicos, a História Eclesiástica de Eusébio proporcionou ao autor o posterior título de “pai da história eclesiástica” (Caprino, 2019, p. 85), e inspirou autores cristãos ao longo dos séculos seguintes, tornando-se um estilo muito difundido entre seus sucessores. O diferencial de tais histórias era, no entanto, o objetivo de fundamentar a autenticidade e antiguidade da religião cristã, vista pelos pagãos como uma seita fortemente dividida (Caprino, 2019, p. 84), abordando, para tanto, as histórias das mais importantes sedes episcopais de modo a demonstrar, por uma linhagem cronológica, a sucessão legítima dos bispos que a compõem até os apóstolos (Salor, 2006, p. 39). Assim, o autor expõe, logo no início da obra, os temas que se propõe a tratar:

As sucessões dos santos apóstolos desde os tempos de Nosso Senhor até o nosso; quantos e quão grandes feitos são relatados a respeito da história da Igreja; desta, quantos, sobretudo nas dioceses mais notáveis, comandaram-na e lideraram-na com distinção; quantos, em cada geração, cultivaram a Palavra divina, seja através da escrita ou não; quem, quantos e quando, movidos pelo desejo extremado da inovação enganosa, proclamaram-se como os introdutores do Conhecimento, assim falsamente chamado, repartindo sem piedade, como lobos opressores, o rebanho de Cristo; depois disso, os acontecimentos que acometeram todo o povo judeu a partir de sua conspiração contra nosso Salvador; por quantas vezes e modos a Palavra de Deus foi atacada pelos pagãos neste tempo, e quão numerosos foram os que, de tempos em tempos, submeteram-se, em defesa Dela, ao enfrentamento através do sangue e da tortura; depois disso, os testemunhos que ocorreram também entre nós mesmos e o socorro propício e generoso de nosso Salvador a todos eles. Todos esses acontecimentos propus-me a transmitir por escrito (Cesareia, *Hist. eccl.*, I, I, 1-2).

No prólogo da obra, em sua exposição do conteúdo da narrativa, já é possível identificar algumas das inovações trazidas por Eusébio. De acordo com Néri de Barros Almeida e Robson Murilo Della Torre (2015, p. 23), a própria noção de “história da Igreja” a que o autor se refere aparece pela primeira vez na literatura cristã nessa passagem. A centralidade dos líderes da Igreja como eixo fundamental na narrativa também é de suma importância, visto que Eusébio não pretendia narrar uma história da Igreja genérica ou cuja liderança fosse dividida. O autor focou nas grandes lideranças, uma vez que seu objetivo era justamente defender a superioridade do cristianismo frente às religiões concorrentes e demonstrar a sua vitória frente diante das tribulações (Caprino, 2019, p. 90). Assim, a sucessão apostólica não pretendia cobrir todas as igrejas conhecidas, apenas as de maior destaque em sua época, no caso, Roma, Jerusalém, Alexandria e Antioquia, construindo uma linha sucessória desde a época dos apóstolos até o momento em que escrevia (Almeida; Della Torre, 2015, p. 28).

Segundo Pedro Sanchez (1994, p. 42), a maior preocupação de Eusébio ao redigir sua *Crônica* e, posteriormente, sua *História Eclesiástica*, era justamente responder aos filósofos e estudiosos de sua época que afirmavam que o cristianismo era uma religião muito nova e que não poderia competir em antiguidade com a grega, romana, babilônica ou egípcia, sendo, portanto, falsa. Arnaldo Momigliano (2004, p. 195-198) aponta que Eusébio também buscava demonstrar a continuidade entre os pensamentos pagão e cristão, por exemplo, na obra *Preparação Evangélica*, o autor substituiu as batalhas políticas por conflitos religiosos. Ademais, nas suas *Crônicas*, o autor busca demonstrar a antiguidade do cristianismo ligando-o a seu passado hebraico, fundamentando a vinda de Jesus ao mundo através da ideia de que Pai e Filho estavam juntos desde antes do início dos tempos (Caprino, 2011, p. 230). Pedro Sanchez também pontua:

Uma vez estabelecida a antiguidade do Povo de Deus, a tática de Eusébio será colocar a história de Israel ao mesmo nível cronológico que a história dos demais povos, marcar a contemporaneidade dos fatos e patriarcas de Israel com os fatos e reis do resto das nações [...] Com Abraão a antiguidade era garantida, pois as histórias profanas mais antigas começavam sempre com seu contemporâneo Nino [rei assírio] (Galán Sanchez, 1994, p. 44).

Entende-se, portanto, que Eusébio buscou comprovar a antiguidade do cristianismo recorrendo à referência de Abraão devido ao paralelo cronológico com a história pagã. Assim, após o pressuposto do autor da devida confirmação da validade da religião cristã, poderia ser

apresentada a história das comunidades cristãs, que nasceu com a vinda de Jesus Cristo, assim, inicia, portanto, sua *História Eclesiástica*<sup>6</sup>. Assim, o autor contextualiza os eventos da vinda de Cristo, dessa vez com os acontecimentos histórico-políticos de sua época:

Corria pois o ano 42 do reinado de Augusto e o vigésimo oitavo desde a submissão do Egito e da morte de Antonio e de Cleópatra (com a qual se extinguiu a dinastia egípcia dos Ptolomeus), quando nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo nasceu em Belém da Judéia, conforme as profecias a seu respeito, nos tempos do primeiro recenseamento, e sendo Quirino governador da Síria (Ces., *Hist. Eccl.*, I, V, II).

É possível perceber que o autor buscava contextualizar sua *História da Igreja*, ligando-a aos eventos políticos de sua época e, conforme dito anteriormente, foi uma das principais figuras responsáveis por associar Constantino à religião cristã. Além disso, Eusébio também rompeu com um aspecto basilar da tradição historiográfica clássica: a exigência de sofisticação teórica. A historiografia clássica de influência, principalmente, ateniense fazia uso de técnicas retóricas elevadas, uma vez que não se costumava comprovar suas afirmações com base em documentos, mas sim na credibilidade do autor (Della Torre, 2011b, p. 603). Assim, a citação de longos discursos de grandes personagens era muito mais valorizada do que a reprodução integral de documentos oficiais, por exemplo, ainda que tais discursos fossem inventados pelo autor. Seria, no entanto, o momento em que o mesmo poderia exercer suas técnicas retóricas, reproduzindo um texto artisticamente bem escrito (Feldherr, 2009, p. 7).

Néri de Barros Almeida aponta que, a partir de Tucídides, era comum que as histórias contivessem grandes discursos dos personagens principais cuja função seria expressar as visões defendidas pelo próprio historiador acerca de determinado assunto (Almeida; Della Torre, 2015, p. 20). Assim, a *História* cumpria a função de exaltar a capacidade retórica do seu autor, consagrando-o como um bom orador (Pires, 1999, p. 286-291). Tal característica, tão intrínseca ao gênero histórico clássico, no entanto, não valia muito para o registro das memórias das comunidades cristãs. Além de não possuírem interesse em expor grandes feitos militares nem em

---

<sup>6</sup> A *Crônica* de Eusébio foi escrita poucos anos antes da *História Eclesiástica* e, nela, o autor pretendeu resumir toda a história desde a Criação até o momento em que escrevia. A obra contribuiu para a formação de Eusébio de uma concepção inovadora de História que serviria de base para a sua *História Eclesiástica* (Chesnut, 1986, p. 116-117).

seguir as virtudes cívicas pagãs, uma parte muito pequena de cristãos era letrada e educada o suficiente para conseguir ler e compreender esse tipo de texto (Almeida; Della Torre, 2015, p. 21). Com isso, para a maioria dos cristãos, obras tão elaboradas do ponto de vista retórico e estilístico diziam muito pouco ou quase nada.

A proposta narrativa de Eusébio, portanto, buscava modificar a forma como os acontecimentos eram contados, aproximando-o do público cristão e enaltecendo uma suposta superioridade do cristianismo, reafirmando sua antiguidade, como dito anteriormente. Para tanto, o autor se valia do uso de documentos como base para seu objetivo. Entre os autores antigos mencionados, há os cristãos, como Teófilo de Antioquia, Hipólito e Júlio Africano. Mas também existe menção a documentos imperiais dos primeiros séculos, como cartas de imperadores pagãos (Caprino, 2019, p. 91). Eusébio acreditava ser necessário confrontar as afirmações bíblicas com as de autores judeus e pagãos pois, através dessa comparação, poderia se chegar a alguma certeza sobre o passado cristão (Della Torre, 2011b, p. 605). Apesar da nítida perspectiva apologética no trabalho de Eusébio, é importante chamar a atenção para a sua metodologia de trabalho e pesquisa visto que é radicalmente diferente das obras apologéticas anteriores.

### **Histórias Eclesiásticas do Século V: autoria e obras**

Segundo o historiador Marcus Silva Cruz (2010, p. 22), o trabalho da intelectualidade cristã foi de grande importância no período de consolidação do cristianismo a fim de tornar a mensagem dos Evangelhos acessível aos diversos grupos sociais que compunham a sociedade tardo antiga. Nesse sentido, na primeira metade do século V, durante o reinado de Teodósio II (408-439), é possível observar que a historiografia eclesiástica viveu um momento particularmente rico, tendo em vista a consolidação da fé cristã no Estado e na sociedade romana (Leppin, 2003, p. 219).

Conforme visto anteriormente, o historiador eclesiástico, Eusébio de Cesareia, interpretou o reinado político-administrativo de Constantino como uma história conduzida por Deus (Caprino, 2019, p. 98), demonstrando que a sua obra, além de buscar comprovar a antiguidade e superioridade do Cristianismo em meio a outras religiões consideradas mais antigas no cenário cultural da época, também serviu a uma máquina de propaganda imperial. Nesse cenário, o governo de Teodósio II, também marcado por transformações nas áreas política, cultural e militar

(Figueiredo, 2018, p. 17), se valeu de igual maneira dos discursos cristãos a fim de se legitimar. Sozomeno, por exemplo, afirmava que os soberanos virtuosos eram aqueles caracterizados por diferentes inclinações, seja de ordem político-administrativa, cultural ou militar, e Teodósio II foi o imperador ideal pois soube conciliar todas essas habilidades (*Hist. eccl.*, Prefácio). O foco, no entanto, continuava sendo a defesa da superioridade e antiguidade do Cristianismo, bem como a ligação entre a história da igreja e os eventos políticos, como sendo conduzidos por Deus.

Como já abordado, o primeiro historiador eclesiástico foi Eusébio de Cesareia, ainda no século IV, bispo relacionado à casa imperial e de grande influência nos debates teológicos. As características da obra de Eusébio, entretanto, se perpetuam nos escritos do século V de Sócrates Escolástico (c. 380-439), Sozomeno de Betélia (c. 380-446) e Teodoreto de Cirro (c. 393-466). Diretamente influenciados pelo bispo de Cesareia, os autores utilizaram muito da obra deixada pelo predecessor, solidificando, então, uma corrente literária própria (Chesnut, 1986, p. 1). Segundo o historiador Hartmut Leppin (2003, p. 219), existem várias semelhanças entre as *Histórias Eclesiásticas* de Sócrates, Sozomeno e Teodoreto e, inclusive, os três reivindicam ser os continuadores da obra eusebiana. Portanto, foi adotado o rótulo de “historiadores sinóticos da igreja”<sup>7</sup> para descrever os trabalhos dos autores (Leppin, 2003, p. 220). Por conta dessa influência, há muitas semelhanças entre as obras de Sócrates e Sozomeno, ainda que estudos mais recentes destaquem e realcem algumas diferenças importantes decorrentes, principalmente, dos posicionamentos divergentes dos autores em relação a certos acontecimentos (Marques, 2009, p. 57).

Acerca da vida dos autores, é possível perceber uma lacuna na bibliografia atualmente disponível acerca de informações, principalmente, sobre os primeiros anos de vida, com exceção de uns poucos dados ou breves relatos encontrados em seus próprios trabalhos. Sabemos, no entanto, que Sócrates Escolástico, também chamado Sócrates de Constantinopla, nasceu em Constantinopla em torno do ano 380. Essa data aproximada pode ser estimada a partir de vários indícios, dentre os quais José Renato da Silva Marques (2009) destaca dois: primeiro, o próprio

---

<sup>7</sup> Pesquisas recentes, no entanto, destacam as diferenças entre as obras analisadas. No entanto, o termo sinótico ainda pode ser útil, na visão de Hartmut Leppin, para destacar o contexto do reinado de Teodósio II (408-439), na qual as obras foram escritas (Leppin, 2003, p. 220).

Sócrates nos diz, no capítulo 16 do livro 5 de sua obra *História Eclesiástica*, que quando ele era menino, estudou com os gramáticos Heládio e Amônio, ambos, sacerdotes de cultos pagãos, que, provavelmente fugiram de Alexandria para Constantinopla, durante os motins e agitações civis em torno de 390 (Marques, 2009, p. 59). Se Sócrates tinha cerca de 10 anos quando estudou com eles, deve ter nascido aproximadamente em 380. O segundo indício é citado no capítulo 13 do livro 1. Segundo o próprio autor, quando era muito jovem, teria ouvido do padre Auxanon, que morreu durante o reinado de Teodósio I, portanto, antes de 395, histórias sobre o monge Eutíquio (Soc., *Hist. eccl.*, I, 13).

Também não possuímos muitas informações sobre sua posição social. O sobrenome “Escolástico” é tardio, segundo Hartmut Leppin, e os contatos pessoais mencionados por ele não possuíam funções políticas ou administrativas, indicando que não tinha veículos com a corte (Leppin, 2003, p. 221). Glenn Chesnut sugere que ele era advogado bem versado em teologia (Chesnut, 1977, p. 168). Já Leppin aponta que é bem provável que ele ocupasse alguma posição na Igreja (Leppin, 2003, p. 221). Nesse sentido, também possuímos dificuldade em definir sua posição teológica. Não há dúvidas de que ele aderiu à teologia ortodoxa nos termos dos cânones do Concílio de Nicéia, porém permanece incerto se ele era membro da igreja ortodoxa dominante ou da seita Novaciana (Leppin, 2003, p. 221). Existem, no entanto, algumas considerações a respeito de tal incerteza, visto que Sócrates notadamente não escreveu uma história da Igreja Novaciana, ainda que tivesse muitas informações a respeito dela, mas da Igreja principal, incluindo os novacianos como os “outros” (Soc., *Hist. eccl.*, I, V). Ademais, o autor relata longamente o Concílio de Niceia que, aos olhos dos novacianos, era desnecessário pois apenas reafirmava os dogmas antigos (Soc., *Hist. eccl.*, I, 7-13.). Segundo Leppin, tais posicionamentos seriam inexplicáveis em um autor novaciano (Leppin, 2003, p. 222).

A *História Eclesiástica* de Sócrates Escolástico cobre o período entre 305 e 439, tendo sido finalizada por volta de 450, à época de Teodósio II (401-450). Notadamente mais tolerante com as diferenças doutrinárias que outros historiadores da Igreja que lhe eram contemporâneos, a preocupação central de Sócrates era a já mencionada necessidade de harmonia no seio da Igreja e reafirmação dos dogmas definidos no Concílio de Niceia. Sua obra se valeu, portanto, de uma grande variedade de fontes, tanto escritas quanto orais (Barnes; Bevan, 2013, p. 23), em que nos primeiros livros se valeu, principalmente das obras de Eusébio de Cesareia, entre outros documentos da Igreja (Marques, 2009, p. 64). Para os dois últimos livros de sua obra, no entanto,

contou com fontes orais, em que o próprio autor anuncia, no prefácio do Livro VI, que irá escrever o que tinha visto e o que ele aprendeu de testemunhas oculares, comparando as histórias para comprovar os fatos:

[...] Escrevo o que vi pessoalmente e o que pude aprender daqueles que viram, julgando o que é verdadeiro quando não há divergência em seus relatos. 10. Foi com grande dificuldade que pude descobrir a verdade, pois muitos dos que relatam os fatos diferem, alguns dizendo que estavam presentes, outros acreditando conhecer melhor do que ninguém (Soc., *Hist. eccl.*, Livro VI, Prefácio, 9,10, tradução nossa).

O processo de expansão e consolidação do cristianismo estava mais difundido na época de Sócrates do que no período da vida de Eusébio, porém, a presença do paganismo ainda era uma questão para o autor. Segundo Chesnut (1977, p. 178), o historiador cristão defendia que os cristãos deveriam aprender os clássicos gregos e a paideia grega, apesar de seu caráter pagão, era abertamente admirada por Sócrates, que insistia que deveria ser mantida como a base da educação até mesmo de bons cristãos. Nesse sentido, muitos termos pagãos aparecem na escrita de Sócrates, como, por exemplo, as palavras *Tychê* (Fortuna) e *Moirá* (Destino) (Chesnut, 1977, p. 180).

Acerca de Sozomeno de Betélia, ou Salamanes Hermeias Sozomeno, sabemos que foi contemporâneo de Sócrates e também residente de Constantinopla. No entanto, diferente do anterior, nascido em Constantinopla, Sozomeno nasceu em Betélia, na região próxima a Gaza, por volta do ano 380 (Leppin, 2003, p. 223). Seus avós foram convertidos ao cristianismo durante a primeira metade do século IV por Hilarion (?-?), famoso defensor palestino da vida monástica, e foram perseguidos durante o reinado de Juliano (361-363) (Chesnut, 1977, p. 192). Mudou-se para Constantinopla, no mínimo, em 425 ou 426, onde trabalhou como advogado. Quando escreveu sua História da Igreja, ele já havia sido batizado e morreu provavelmente não muito depois de 446, deixando a obra incompleta (Leppin, 2003, p. 223-224). O autor foi, muito provavelmente, próximo de membros da corte imperial, especialmente Pulquéria, irmã de Teodósio, cujas qualidades e influência sobre seu irmão são elogiadas no início do Livro IX (Leppin, 2003, p. 224). Sozomeno nunca ingressou na vida religiosa, embora fosse cristão, e

demonstra uma certa exasperação com bispos e duas políticas e disputas e evitava tratar de questões teológicas (Chesnut, 1977, p. 192).

Conforme dito anteriormente, existem muitas semelhanças entre as obras de Sócrates e Sozomeno. Para Glenn Chesnut, Sozomeno fez grande uso da obra de Sócrates, em grande parte não reconhecido, tendo em vista que o autor não cita suas fontes em inúmeras passagens, ainda que conte exatamente a mesma história que o antecessor (Chesnut, 1977, p. 197). No entanto, Leppin aponta que sua independência não deve ser subestimada (Leppin, 2003, p. 224-225). É notável que Sozomeno discorda de Sócrates em diversos momentos e consulta outras fontes para além do historiador, como a de Sabino de Heracleia (?-?), a *História Lausiaca* de Paládio (364-431) e a obra de Atanásio de Alexandria (?- 373) (Chesnut, 1977, p. 197). Estruturada em 9 livros, a data de composição da obra de Sozomeno também depende da datação da obra de Sócrates.

Theresa Urbainczyk (1997, p. 357) defende, entretanto, que Sozomeno, ao escrever sua obra, buscou corrigir supostos erros de Sócrates, apresentando um relato bem diferente do antecessor. Sozomeno, por exemplo, começa sua obra de maneira bastante diferente de Sócrates<sup>8</sup>, fazendo um discurso e dedicatória ao imperador Teodósio II, na qual enfatiza que ele possui todas as virtudes<sup>9</sup> e pede que revise sua História:

Pois bem, tu que és instruído em todas as coisas, possuidor de todas as virtudes e especialmente a piedade, a quem o oráculo divino nomeia o princípio da sabedoria (Sl. 110, 10), recebe de mim este escrito, examina-o e, acrescentando-lhe os acréscimos e subtrações que te inspira teu exato espírito, purifica-o com os teus cuidados. De qualquer forma, é por onde te terá agradado que ele parecerá tão útil e válido aos olhos dos leitores, e ninguém acrescentará a largura de um dedo ao julgamento que terás feito. (Soz., *Hist. eccl.*, Discurso, 18, tradução nossa).

Urbainczyk argumenta também que Sozomeno, de maneira muito diferente da narrativa de Sócrates, busca mostrar imperadores curvando-se à autoridade episcopal<sup>10</sup> e enfatiza mais atos de piedade individuais que Sócrates ignora<sup>11</sup> (Urbainczyk, 1977, p. 364). As histórias de

---

<sup>8</sup> Sócrates inicia sua História Eclesiástica informando ao leitor que começará onde Eusébio havia parado (Soc., *Hist. eccl.*, 1.1)

<sup>9</sup> Sobre as virtudes na *História Eclesiástica* de Sozomeno, ver Bralewski, Sławomir. The Catalogue of Virtues in the Ecclesiastical History of Sozomen of Bethelia. *Vox Patrum*, 84, 2022, p. 31-50.

<sup>10</sup> Soc., *Hist. eccl.*, 1.40.2; Soz., *Hist. eccl.*, 2.34.5-6; Soz., *Hist. eccl.*, 7.25.9.

<sup>11</sup> Soz., *Hist. eccl.*, 1.1.18-20.

demonstrações de piedade, principalmente, buscam apresentar os cristãos como heróis e inspirar os leitores a resistir por sua fé. Tal ênfase, entretanto, não está presente na obra de Sócrates.

Contemporâneo de Sócrates e Sozomeno, Teodoreto de Cirro, nascido em uma família abastada em Antioquia por volta do ano 393, foi uma figura proeminente na Igreja durante o reinado de Teodósio II (Leppin, 2003, p. 225). Dedicado à religião cristã desde muito novo, por receber uma educação tradicional voltada para a religião, Teodoreto tornou-se monge ainda jovem e, em 423, foi consagrado bispo da pequena cidade de Cirro (Leppin, 2003, p. 225). Logo tornou-se liderança conhecida nos debates cristológicos entre antioquenos e alexandrinos, envolvendo-se, em 445, em uma difícil disputa regional, em que chegou a afirmar que o governo imperial o discriminava (Leppin, 2003, p. 225). Deposto e exilado, em 449, foi reabilitado e reintegrado pelo Concílio de Calcedônia em 451, retornando a Cirro, onde faleceu entre o período de 460 e 466 (Leppin, 2003, p. 225).

Segundo Leppin (2003, p. 226), Teodoreto possuía orientação nicena, assim como Sócrates e Sozomeno, no entanto, sua simpatia com as ideias do nestorianismo são evidentes e Chesnut (1977, p. 202, 203) afirma que a História da Igreja de Teodoreto poderia chamar-se “Um relato da Controvérsia Ariana”, visto que, para o historiador, a principal questão enfrentada pela Igreja durante o século narrado em sua obra havia sido o conflito entre o arianismo e o cristianismo niceno. A data de composição de sua *História Eclesiástica* é controversa, sabemos que o autor faz referência à sua própria obra por volta de 444, portanto, ele deve ter terminado após essa data. De todo modo, sabemos que Teodoreto concluiu sua narrativa após seu exílio, quando se considerou discriminado por decisão imperial, considerando tal ato perigoso para a fé cristã (Leppin, 2003, p. 226).

Segundo Leppin (2003, p. 232, 233), muitos eventos na obra de Teodoreto aparecem de forma extremamente estilizada e defende que Sócrates seria o mais pragmático dos três historiadores da igreja, enquanto Teodoreto é o mais interessado nos aspectos teológicos. Embora a persistência teológica gere consequências no que diz respeito à muito de sua confiabilidade enquanto fonte histórica, o autor tinha como objetivo demonstrar aos leitores o envolvimento de Deus na história do império. Dessa maneira, o propósito não consistia em engrandecer o Império Romano mas ensinar as pessoas a viver vidas segundo os preceitos cristãos (Leppin, 2003, p.

235). Para Garry Trompf (1994, p. 21), o tom intensamente apologético de Teodoreto provavelmente reflete uma postura defensiva em relação às suas crenças pessoais. Envolvido na Controvérsia Nestoriana, o historiador preferiu excluir referências que poderiam comprometê-lo<sup>12</sup>

## Considerações finais

Na passagem do século III para o século IV, a sociedade romana passava por profundas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Nesse contexto, instaurou-se o que Rodney Stark chama de “mercado de religiões” no Império Romano, onde as diferentes religiões competiam entre si por fieis e patronos<sup>13</sup>. Inseridos nesse mercado e disputando fieis, os cristãos viam-se confrontados pela novidade temporal de sua fé enquanto as religiões tradicionais vindas do Egito, Babilônia e Grécia tinham a possibilidade de traçar longas genealogias de seus deuses, angariando mais prestígio e respeitabilidade. Por volta do início do século III, portanto, vemos o aparecimento de novos gêneros literários com a finalidade de comprovar a ancestralidade do culto cristão, bem como associar os relatos bíblicos aos acontecimentos políticos do Império.

Destaca-se, nesse contexto, a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, que rompeu com o gênero histórico clássico ao modificar a forma da narrativa, afastando-se das técnicas retóricas e apostando em um estilo de escrita mais acessível ao grande público, e também o conteúdo, ao buscar comprovação documental para sua narrativa. A *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia não era, portanto, um exercício retórico elevado sobre determinado assunto, mas sim uma história documentada, cujos documentos deveriam guiar a narrativa, para além dos textos bíblicos.

Portanto, apesar de compreender que todo relato histórico é atravessado pela escolha e tratamento dado às fontes, sendo, portanto, permeado pela subjetividade do historiador, destacamos aqui grandes inovações historiográficas de Eusébio, como o deslocamento de foco da narrativa histórica focada em grandes personagens para a história da Igreja e da comunidade cristã, suas perseguições e mártires, a interpretação providencialista da História, em que a

---

<sup>12</sup> Garry Trompf aponta que Teodoreto omitiu da sua *História Eclesiástica* o chamado Sínodo dos Ladrões de 449, que o demitiu até o Concílio de Calcedônia em 451 que o perdoou e retomou sua posição (TROMPF, Gary. *The golden chain of byzantinism: the tripartite ecclesiastical histories of Socrates, Sozomen and Theodoret*. Phronema, n. 9, 1994, p. 21.)

<sup>13</sup> A defesa dessa tese encontra-se em STARK, R. *The Rise of Christianity*. Nova York: HarperCollins, 1997.

narrativa histórica é contada como uma manifestação dos planos divinos, e a incorporação de documentos como cartas, decretos e documentação escrita por autores cristãos e não cristãos bem como a análise dessas fontes. No entanto, pudemos perceber a continuidade com a tradição clássica em alguns aspectos, como a estrutura narrativa de sua História Eclesiástica, em que o autor mantém a divisão em livros e capítulos, bem como o uso de uma retórica que busca a persuasão, ainda que embasada em uma análise de fontes, mas ainda com claro objetivo apologético.

Em vista disso, cabe ao historiador, tratar a História da Igreja como uma disciplina histórica “não podendo qualificá-la de disciplina teológica ou deixar que a teologia determine o objeto” (Poulat, 1971/7, p. 821), porém, fazendo uso de outras disciplinas para auxiliar a pesquisa histórica. Assim, mesmo diante da posição abertamente apologética dos autores, o historiador deve manter a atitude científica, o que não implica neutralidade, porém permite o uso de teorias, metodologias e interdisciplinaridade na análise das fontes. Giuseppe Alberigo propõe que:

[...] o objeto da história da Igreja deve ser a Igreja e, por isso, as Igrejas Cristãs, tomando esta expressão não em sua acepção dogmática, mas na fenomenologia, ou seja, entendendo todas as manifestações de vida, pensamento, organização se referiram ao cristianismo, cujo estatuto histórico é um estatuto eclesial (Alberigo, 1970/7, p. 876).

Assim, compreendemos que a documentação analisada no presente artigo, ainda que cumprindo um papel apologético dependente da interpretação eusebiana, de conferir valor de verdade às proposições do autor, constitui-se uma tentativa de reconstrução do passado através de documentos, apesar dos eventuais erros de datação e parcial desinformação a respeito de alguns assuntos políticos. De fato, Dominique Julia aponta que, ao estudar a História da Igreja, o historiador não se interessa pela “condição de verdade das afirmações religiosas que estuda, mas a relação que mantém essas afirmações [...] com o tipo de sociedade ou de cultura que os explicam” (Julia, 1995, p. 108). Assim, apesar dos desafios inerentes à análise desse tipo de documentação, ao se propor a contar uma narrativa histórica da Igreja de sua época, a História

Eclesiástica eusebiana, assim como as do século V, constituem documentações ricas para refletir acerca das igrejas dos séculos IV e V.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### DOCUMENTAÇÃO

CESAREIA, E. de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: Editora Paulus, 2000.

CÍCERO, M. T. *Sobre as leis (De Legibus)*. Tradução: Marco Túlio Cícero. Introdução: Bruno Amaro Lacerda. Notas: Charlene Martins Miotti. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2021.

CONSTANTINOPLE, Socrate de. *Histoire ecclésiastique*. Tradução de Pierre Périchon e Pierre Maraval. Paris: Les éditions du Cerf, 2004-2007. (Sources Chrétiennes, n. 477, 493, 505, 506).

CYR, Théodoret de. *Histoire ecclésiastique*: livres III-V. Tradução de Pierre Canivet. Paris: Cerf, 2009. (Sources Chrétiennes, n. 530).

SOZOMÈNE. *Histoire Ecclésiastique*: livres III-IV. Tradução de André-Jean Festugière. Paris: Le Cerf, 1983. (Sources Chrétiennes, n. 306).

SOZOMÈNE. *Histoire Ecclésiastique*: livres I-II. Tradução de André-Jean Festugière. Paris: Le Cerf, 1983. (Sources Chrétiennes, n. 306).

### BIBLIOGRAFIA

ALBERIGO, G. *As novas fronteiras da história da Igreja?* Concilium, 1970/7.

ALMEIDA, N. de B.; DELLA TORRE, R. M. G. A História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia frente à tradição historiográfica clássica. In: BASSI, R.; TEIXEIRA, I. S. (org.). *A escrita da História na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 9-35.

BARNES, T. *Constantine and Eusebius*. Cambridge: Harvard University Press, 1996. p. 90-91.

BARNES, T; BEVAN, G. (trad.). *The Funeral Speech for John Chrysostom*. Liverpool: Liverpool University Press, 2013.

BASCHET, J. *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BRALEWSKI, Sławomir. The Catalogue of Virtues in the Ecclesiastical History of Sozomen of Bethelia. *Vox Patrum*, 84, 2022, p. 31-50.

BRANDÃO, Silvia Sgroi. Perseguições e martírios na História Eclesiástica: Análise dos escritos de Eusébio de Cesareia. *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p. 268-279, 2013.

CAPRINO, A. R. Eusébio de Cesareia e a formatação do cristianismo como base ideológica para o poder imperial no século IV. *Revista Vernáculo*, [s. l.], n. 28, p. 214-242, 2011.

CAPRINO, A. R. Legitimidade do poder imperial de Constantino na obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia (306-324). In: ARGUELLO, S.; BOCH, V.; CARDOZO, P. (ed.). *La Antigüedad Tardía y el origen de la Europa feudal*. Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo, 2019. p. 75-106.

CHARBEL, F. T. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 551-568, jul./dez. 2008.

CHESNUT, G. F. *The first Christian histories: Eusebius, Socrates, Sozomen, Theodoret, and Evagrius*. Paris: Éditions Beauchesne, 1977.

CHESNUT, G. F. *The First Christian Histories: Eusebius, Socrates, Sozomen, Theodoret, and Evagrius*. Macon: Mercer University Press, 1986.

CRUZ, M. S. Religiosidade tardo antiga e a cristianização do Império Romano. *Fronteiras. Revista de História*, Dourados, v. 12, n. 21, p. 13-31, jan./jun. 2010.

DELLA TORRE, R. M. G. *A atuação pública dos bispos no principado de Constantino: as transformações ocorridas no Império e na Igreja no início do século IV através dos textos de Eusébio de Cesareia*. Campinas: [s. n.], 2011a.

DELLA TORRE, R. M. G. *Anais Eletrônicos do IX Encontro Internacional de Estudos Medievais: O ofício do Medievalista*. Cuiabá: ABREM, 2011b, p. 601-609.

FELDHERR, A. Introduction. In: FELDHERR, A. (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

FIGUEIREDO, Daniel de. *A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.)*. 2018. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2018.

FRAZÃO, Andréia Cristina Lopes. Reflexões Sobre os Martírios, a Obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia e a Hagiografia Cristã, in: *Ciclo de Debates em História Antiga. Dialogando com Clio*, 18, I 2008, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XVIII Ciclo de Debates em História Antiga. Rio de Janeiro: Lhia, 2008. (CD-ROM) p. 1-26.

GALÁN SANCHEZ, P. J. *El género historiográfico de la chronica* – las crónicas hispanas de época visigoda. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1994.

GUARINELLO, N. O Império Romano e nós. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Org.) *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória, ES - Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006, p. 13-19.

HARTOG, F. *Le Miroir d'Hérodote*. Paris: Éditions Gallimard, 1980.

JULIA, D. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História, novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 106-131.

LEPPIN, H. The Church Historians: Socrates, Sozomenus, and Theodoretus. In: MARASCO, G. *Greek and Roman Historiography in late Antiquity: Fourth to Sixth Century A.D.* Boston: Brill, 2003. p. 219-254.

LORIGA, S. *O pequeno X*. Da biografia à história. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARQUES, J. R. S. *A construção da imagem do Imperador Valente na obra de Sócrates Escolástico*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2009.

MEDEIROS, E. B. *Ser Cristão no século IV: identidade em história Eclesiástica de Eusébio de Cesareia*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MENDES, N. O sistema político do principado. In: SILVA, G.V.; MENDES, N. M. (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômicas, político e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MOMIGLIANO, A. As origens da historiografia eclesiástica, In: MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004. p. 195-198.

MONDONI, D. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2001.

- PAPA, H. A. *Cristianismo Ortodoxo versus Cristianismo Heterodoxo: Uma Análise Político-Religiosa da Contenda entre Basílio de Cesaréia e Eunômio de Cízico (Séc. IV d.C.)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.
- PIRES, F. M. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- POULAT, E. *Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da história*. Concilium, 1971/7.
- RAIMUNDO, M. de M. P. *A virada Constantiniana e a consolidação da identidade cristã no século IV: uma análise sócio histórica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- SALOR, E. S. *Historiografia latino-cristiana: princípios, conteúdo, forma*. Roma: L’erma di Bretschneider, 2006.
- SCHLÖGL, A. *Heródoto*. Tradução: Javier Alonso López. Madrid: Alderaban, 2000.
- SILVA, D. P. As perseguições aos cristãos no Império Romano: dois modelos de apreensão. *Revista Jesus Histórico, Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 29-44, 2011.
- SILVA, M. A. Heródoto e suas Histórias. *Revista de Teoria da História*, [s. l.], ano 7, n. 13, p. 39-51, jun. 2015.
- STARK, R. *The Rise of Christianity*. Nova York: HarperCollins, 1997.
- TROMPF, Gary. The golden chain of byzantinism: the tripartite ecclesiastical histories of Socrates, Sozomen and Theodoret. *Phronema*, n. 9, 1994, p. 19-36.
- URBAINCZYK, Thereza. Observations on the differences between the Church Histories of Socrates and Sozomen. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 46, n. 3, 1997, p. 355-373.
- VEYNE, P. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.